

## As monarquias ibéricas e os seus impérios: comparações e conexões, globalidade e globalização

[en] The Iberian monarchies and their empires: comparisons and connections, globality and globalization

Jorge Flores<sup>1</sup>

Xavier, Ângela Barreto; Palomo, Federico; Stumpf, Roberta (eds.), *Monarquias ibéricas em perspectiva comparada (séculos XVI-XVIII). Dinâmicas imperiais e circulação de modelos administrativos*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2018, 674 págs. ISBN: 9789726715085

Biedermann, Zoltán, *(Dis)connected empires. Imperial Portugal, Sri Lankan diplomacy, and the making of a Habsburg conquest in Asia*, Oxford, Oxford University Press, 2018, 272 págs. ISBN: 9780198823391

Yun Casalilla, Bartolomé, *Historia global, historia transnacional e historia de los imperios. El Atlántico, América y Europa (siglos XVI-XVIII)*, Zaragoza, Institución Fernando el Católico, 2019, 402 págs. ISBN: 9788499115641

Yun Casalilla, Bartolomé, *Los imperios ibéricos y la globalización de Europa (Siglos XV a XVII)*, Barcelona, Galaxia Gutenberg, S.L., 2019, 432 págs. ISBN: 9788417747961

Os números crus, antes de tudo. Publicadas entre 2018 e 2019, as quatro obras que aqui se analisam representam, no seu conjunto, quase 1800 páginas de trabalho produzidas por 25 historiadores em três idiomas e publicadas por quatro editoras em três países. São obras assaz diversas, na forma, no conteúdo e na abordagem. Difíceis, como tal, de recensar em conjunto. Identificam-se, todavia, dois eixos estruturantes. O primeiro, dominante na obra coordenada por Xavier, Palomo e Stumpf, consiste no estudo, para três séculos (1500-1800), das estruturas político-administrativas das monarquias ibéricas e dos seus impérios através do método comparativo. A análise das possibilidades de conexão entre culturas políticas distantes (e não apenas no sentido geográfico) ultrapassa, no livro de Biedermann, o desiderato da comparação. No seu cerne está o estudo dos encontros e desencontros entre paradigmas e práticas imperiais ibéricas e “locais” numa ilha da Ásia do sul ao longo do século XVI. O segundo eixo, representado pelos trabalhos de Yun Casalilla e orientado para a história económica, assenta numa reavaliação simultaneamente comparativa e integrada do

<sup>1</sup> Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT) e Departamento de História e Filosofia das Ciências (DHFC). Universidade de Lisboa  
E-mail: [jmflores@fc.ul.pt](mailto:jmflores@fc.ul.pt)

espaço ibérico, continental e ultramarino, à luz da história transnacional e da problemática da globalização. Aquilo que une os trabalhos aqui recenseados é, portanto, a crença, por vezes crítica, nas virtualidades de uma história “ampla” —comparada e conectada— das monarquias ibéricas e dos seus impérios no período moderno.

Nenhum destes livros poderia ter sido escrito há trinta anos. Não apenas porque a larga maioria dos historiadores neles envolvidos não eram ainda historiadores ou, sendo, ensaiavam os primeiros passos no ofício, mas porque o enfoque historiográfico era, à época, radicalmente diferente. Falava-se então, separada e quase hermeticamente, de história de Portugal e de história de Espanha. A história dos respectivos impérios corria paralela, raramente se tocando para lá da narrativa clássica dos “descobrimientos” e das situações de conflito e negociação que estes espoletavam, nomeadamente os tratados de Tordesilhas (1494), Saragoça (1529) e Madrid (1750). Fazia-se história moderna muito em função de um quadro mental que era o das nacionalidades contemporâneas, imaginadas ou não. Hoje pensa-se sobretudo em termos de monarquias ibéricas, o “domínio filipino” foi substituído pela “união das coroas” e uma história comparada e/ou entrelaçada dos impérios português e espanhol parece cada vez mais viável.

Enquanto historiadores profissionais, os académicos que escreveram estas quatro obras sabem que não há motivo para a sua nacionalidade lhes pesar mais do que aquilo que pesa a um matemático. Mas o caminho tem sido longo e foram vários os que contribuíram para ultrapassar bloqueios. Procurando identificar todos, correríamos o risco de esquecer vários. Dois nomes, ao menos, creio serem incontroversos: John Elliott e António Manuel Hespanha, cujo trabalho paira sobre muitas destas páginas. Na sua senda, a última década e meia tem sido recheada de avanços, tornando-se evidente que os livros em análise vêm sendo anunciados por trabalhos de outros historiadores. O primeiro marco consiste em “Holding the World in Balance”, artigo de Sanjay Subrahmanyam que transfere as monarquias compósitas de Elliott para os respectivos impérios ibéricos e demonstra como se pode fazer a sua história conectada<sup>2</sup>. Com outros matizes, a discussão foi continuada por *Polycentric monarchies*, volume colectivo que pretende explorar o modo como o império foi tecido a partir de uma multiplicidade de centros e da relação complexa entre várias entidades políticas<sup>3</sup>. Penso, de seguida, em “*Por toda la tierra*”, colectânea de estudos de Rafael Valladares, mas sobretudo em *Frontiers of Possession*, de Tamar Herzog<sup>4</sup>. *Theorizing the Ibero-American Atlantic* deslocou o debate para os espaços marítimos, na esteira de Jorge Cañizares-Esguerra e do seu *Puritan Conquistadors*<sup>5</sup>. Finalmente, cumpre assinalar *The Iberian World, 1450–1820*, obra massiva coordenada por Fernando Bouza, Pedro Cardim e Antonio Feros que, entre tantos atri-

<sup>2</sup> Subrahmanyam, S.: “Holding the World in Balance: The Connected Histories of the Iberian Empires, 1500–1640”, *American Historical Review* 112:5 (2007), pp. 1359–1385.

<sup>3</sup> Cardim, P., Herzog, T., Ruiz Ibáñez, J. J., e Sabatini, G. (eds.): *Polycentric Monarchies. How did Early Modern Spain and Portugal Achieve and Maintain a Global Hegemony?*, Eastbourne, Sussex Academic Press, 2012.

<sup>4</sup> Valladares, R.: “*Por toda la tierra*”. *España y Portugal: globalización y ruptura (1580–1700)*, Lisboa, CHAM, 2016; Herzog, T.: *Frontiers of Possession. Spain and Portugal in Europe and the Americas*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 2015.

<sup>5</sup> Braun, H. E. e Vollandorf, L. (eds.): *Theorizing the Ibero-American Atlantic*, Leiden e Boston, Brill, 2013; Cañizares-Esguerra, J.: *Puritan Conquistadors. Iberianizing the Atlantic, 1550–1700*, Stanford, Stanford University Press, 2007.

butos, ajudará certamente a franquear o mundo ibérico moderno a uma audiência anglo-americana<sup>6</sup>.

Subsistem, claro está, vários riscos. Por um lado, aos historiadores do império português não é possível, num passo de magia, atingir o mesmo nível de conhecimento quanto ao império espanhol. E o inverso, obviamente, também se verifica. Relacionado com este primeiro aspecto, as obras em apreço constituem o manifesto de uma certa geração (ainda que nela caiba, biologicamente falando, mais do que uma geração). Representam igualmente estes livros, e mesmo considerada a enorme diversidade de temas, aproximações e métodos em presença, um certo modo de fazer história. Seria necessário que as próximas gerações continuassem a trilhar estes caminhos e a abrir outros, questionando-os crítica e continuamente. Tal, porém, não deve ser tomado por adquirido. Por outro lado, há a tentação, consciente ou inconsciente, de essencializar a história do mundo ibérico, dela fazendo uma jangada de pedra à maneira de José Saramago e, com ela, negligenciar outras dinâmicas imperiais da época, europeias ou não. É necessário evitar em absoluto que a insularidade nacional venha a ser substituída pela insularidade peninsular.

*Monarquias ibéricas em perspectiva comparada (séculos XVI-XVIII). Dinâmicas imperiais e circulação de modelos administrativos* deu seguramente muito trabalho a conceber e a organizar. A inclusão de um índice analítico representaria um esforço suplementar, mas justificado, porquanto se trata de um livro com quase 700 páginas, cobrindo um largo espectro de temas e geografias. Consideradas as formações e trajetórias académicas em presença, resulta claro que o perfil dos responsáveis pelo volume –Ângela Barreto Xavier, Federico Palomo e Roberta Stumpf– se coaduna inteiramente com uma obra como esta: têm larga experiência de coordenação de projetos coletivos e, ponderado em conjunto, o seu trabalho individual cobre muito do mundo ibérico moderno e dos assuntos tratados em *Monarquias ibéricas*. Conforme revelam os três organizadores no texto introdutório, o grosso volume que temos em mãos resulta de uma parceria ibérica de investigação entre a Casa de Velásquez (Madrid) e o Instituto de Ciências Sociais (Lisboa), que se foi desenvolvendo à cadência de várias reuniões científicas realizadas entre as duas cidades.

A obra pretende contribuir para atenuar uma lacuna essencial: a ausência de estudos comparativos entre as duas monarquias e os seus impérios. Referimo-nos à relação, com dois sentidos, entre metrópole e território ultramarino. O resultado consiste numa quinzena de trabalhos assaz substantivos e muito abrangentes, a meio caminho entre investigação e síntese, assinados por historiadores na sua maioria oriundos de universidades portuguesas e espanholas (estranha-se, com a exceção do Brasil, a ausência de especialistas oriundos da América Latina). *Monarquias ibéricas* divide-se em quatro partes e inclui textos tanto em português como em castelhano. Após uma primeira parte dedicada à moldura político-administrativa das monarquias ibéricas e dos seus espaços imperiais, cunhada por um texto seminal de Pedro Cardim e António Manuel Hespanha, sucessivas secções do livro cobrem as administrações civil, militar e eclesiástica. Teria sido importante conduzir a perspectiva comparativa ao degrau seguinte, isto é, praticá-la sistematicamente em cada um dos ensaios. Mas tal ocorre apenas numa pequena minoria de artigos, que resultam aliás muitíssimo bem. Referimo-nos aos trabalhos conjuntos de Camarinhas e Ponce Leiva sobre justiça e

<sup>6</sup> Bouza, F., Cardim, P. e Feros, A. (eds.): *The Iberian World, 1450–1820*, Londres, Routledge, 2019.

letrados na América ibérica, de Maldavsky e Palomo sobre a missão no mundo ibérico, isto para além do já citado texto de Cardim e Hespanha e da própria introdução ao livro. Nos restantes trabalhos, é ao leitor que cabe estabelecer ligações e formular paralelos, o que não é forçosamente negativo. Todavia, num volume com a assumida intenção de “aplainar o terreno” e providenciar os alicerces para estudos futuros, impunha-se ir mais além: uma conclusão parcial a propósito de cada uma das quatro partes que compõem o livro constituiria porventura uma boa solução.

Como em qualquer obra, os seus autores ou organizadores são confrontados com a necessidade de fazer escolhas e, conseqüentemente, assuntos há que ficam secundarizados ou mesmo ignorados. Neste caso, todavia, não se entende como é que as inquisições não foram contempladas com um artigo próprio, e o mesmo é válido para as câmaras e cabildos. Outros tópicos relevantes, em cujo estudo a historiografia mais recente e estimulante tem incidido, foram igualmente negligenciados. Penso sobretudo na problemática da informação e do arquivo, tal qual historiadores como Arndt Brendecke e Guillaume Gaudin a têm tratado em contexto predominantemente espanhol<sup>7</sup>. Mas é por demais evidente que *Monarquias ibéricas* perdurará como obra de referência no seu campo de investigação. Não dispunhamos de nada com este fôlego e levará tempo, decerto, até que se proceda a novo ponto de situação. Neste interim, a obra incentivará seguramente muitos historiadores a passar dos quadros e dos modelos aos actores e aos processos. No que respeita em concreto às “dinâmicas imperiais”, deseja-se que trabalhos futuros nos levem a conhecer melhor como os dois impérios ibéricos, e a generalidade dos impérios modernos, se entreolharam e se influenciaram, tanto ao nível da alta política como no plano das percepções populares, no terreno. Exemplos inspiradores não faltam: em 1624, em plena sublevação de Macau contra D. Francisco de Mascarenhas, primeiro capitão-geral da cidade nomeado pela coroa, este acusou os habitantes locais, com os jesuítas à cabeça, de quererem fundar uma “segunda Veneza” e de já terem inclusivamente escolhido os seus 10 conselheiros, numa alusão clara ao *Consiglio dei Dieci*<sup>8</sup>.

Em *(Dis)connected Empires: Imperial Portugal, Sri Lankan Diplomacy, and the Making of a Habsburg Conquest in Asia*, Zoltán Biedermann –professor de história moderna no University College London– não cura da *Serenissima*. Mas, numa caracterização breve e simplista, o que esta obra faz é justamente estudar os olhares cruzados e as contaminações entre formações políticas muito diversas. Falamos, em concreto, do modo como o império português desde 1506, e a monarquia católica dos Habsburgos depois de 1580, se relacionaram com o reino budista de Kotte, cuja autoridade sobre a região sudoeste de Ceilão (as “terras baixas”) remonta ao início do século anterior e cuja vocação imperial levou os seus monarcas a aspirar ao domínio total da ilha. O tema do livro está no centro dos interesses de investigação de Bie-

<sup>7</sup> Brendecke, A.: *Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español*, Madrid e Frankfurt am Main, Iberoamericana e Vervuert, 2012; Gaudin, G.: *El imperio de papel de Juan Diez de la Calle. Pensar y gobernar el Nuevo Mundo en el siglo XVII*, Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 2017.

<sup>8</sup> Mascarenhas, F.: “Relação do estado em que ficam as coisas nesta cidade de Macao até esta monção de 624”, in Penalva, E. e Lourenço, M. (eds.): *Fontes para a história de Macau no séc. XVII*, Lisboa, CCCM, 2009, pp. 298–305 (304). A comparação entre o império português e a República de Veneza tem sido, aliás, estranhamente ignorada nos estudos sobre os impérios europeus do período moderno. Ver, a este propósito, Arbel, B.: “Venice’s Maritime Empire in the Early Modern Period”, in Dursteler, E. R. (ed.): *A Companion to Venetian History, 1400–1797*, Leiden e Boston, Brill, 2013, pp. 125–253.

dermann e já tinha ganho corpo num par de publicações anteriores<sup>9</sup>. Paralelamente, o autor ocupa-se da cronística e da escrita imperial no Portugal dos séculos XVI-XVII, da história da cartografia e da representação do espaço político em idêntico contexto e, ainda, de temáticas características da nova história diplomática, como bem ilustra o seu papel na obra colectiva *Global Gifts*<sup>10</sup>.

A história de *(Dis)connected Empires* é a história da relação turbulenta e violenta entre o império asiático português e as várias formações políticas de Ceilão ao longo do século XVI, com óbvio destaque para o reino de Kotte. Trata-se, em boa verdade, de uma história que foi contada várias vezes no último século, desde que P. E. Pieris publicou *Ceylon and the Portuguese, 1505-1658*, em 1920. A identificação, tradução e análise de um corpus considerável de fontes portuguesas, conjugado com um punhado de textos cingaleses e algum material epigráfico, permitiu a gerações sucessivas de historiadores de várias nacionalidades e tradições académicas, com destaque para a figura incontornável de Chandra R. de Silva, explorar esta história de forma sistemática. Biedermann revisita-a à luz de desenvolvimentos historiográficos fundamentais do nosso tempo e com base numa proposta interpretativa inovadora e forte.

Como bem nota o autor, a matéria de que se compõe *(Dis)connected Empires* não se coaduna com uma grande narrativa histórica sobre impérios globais, ao jeito da de John Darwin e de outros<sup>11</sup>. Biedermann trabalha com uma cronologia bem mais curta (cerca de 90 anos), uma ilha cuja paisagem política é marcada por vários reinos de pequena dimensão territorial e um império europeu (o português) que habitualmente não ocupa lugar de destaque nas reflexões de larga escala acerca das estruturas imperiais. Mas esse é, desde logo, um dos méritos do livro: o de colocar um horizonte relativamente marginalizado no centro de um debate historiográfico de longo alcance, até aqui demasiado centrado em certos impérios e na problemática da sua longevidade. Fá-lo através de uma articulação bem conseguida entre a análise fina de abundante documentação primária e a lembrança contínua de um argumento central muito marcado.

Biedermann vai bem mais longe do que qualquer outra das obras recenseadas no que concerne à *agency* “indígena”. Esta, em boa verdade, é colocada no cerne do livro, através de uma reflexão sistemática sobre a linguagem imperial e a prática política de Kotte, a relação estreita entre religião e poder, ou a tessitura social do reino, entretanto enriquecida por um conjunto fascinante de *go-betweens* portugueses e de outros mediadores. *(Dis)connected Empires* é também uma obra muito rica no que respeita ao diálogo com temas e historiografias que ajudam verdadeiramente a romper a insularidade ibérica: Biedermann compara e contrasta o seu objeto com várias outras sociedades do mundo moderno, incluindo a chamada *early America*, frequentemente ignorada pelos historiadores europeus. O seu amplo quadro analítico fá-lo trazer à colação múltiplas manifestações e modalidades de tensão, negociação e coexistência em territórios políticos e sociedades de fronteira coevos, com destaque

<sup>9</sup> Refiro-me à sua colectânea de artigos, intitulada *The Portuguese in Sri Lanka and South India. Studies in the History of Empire, Diplomacy and Trade, 1500–1650*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2014, e à obra colectiva que editou em colaboração com Alan Strathern, *Sri Lanka at the Crossroads of History*, Londres, University College London, 2017.

<sup>10</sup> Biedermann, Z., Gerritsen, A., e Riello, G. (eds.): *Global Gifts. The Material Culture of Diplomacy in Early Modern Eurasia*, Cambridge, Cambridge University Press, 2018.

<sup>11</sup> Darwin, J.: *After Tamerlane. The Rise and Fall of Global Empires, 1400–2000*, Londres, Penguin, 2007.

para o conceito de *native ground* explorado por Kathleen DuVal para a América do norte<sup>12</sup>.

No essencial, Biedermann argumenta que, enquanto exemplo de uma *galactic polity* (a fórmula é do antropólogo Stanley Tambiah, no contexto da Ásia do Sueste<sup>13</sup>), o reino de Kotte identificava-se com um exercício suserano, e não soberano, da sua autoridade política na ilha. Não andava distante, neste particular, do ideário e da prática do império português na Ásia ao longo de boa parte do século XVI. A comensurabilidade entre os dois actores políticos ia ao ponto de a conversão religiosa não constituir forçosamente um problema, dado que o universalismo católico casava bem com o carácter igualmente universal do *cakravartismo* cingalês, isto é, da projecção e aceitação da figura do soberano de Kotte, fosse ele budista ou cristão, como imperador. Tal paradigma viria a alterar-se com o triunfo, desde os anos de 1580, da soberania sobre a suserania, com a integração do reino de Kotte nos domínios de Felipe II e os primeiros passos da conquista territorial de Ceilão: doravante, e erroneamente, a ilha seria entendida em Madrid e em Lisboa como um monolito geográfico e político. Em suma, o diálogo e a conexão cederam o passo, no ocaso do século, ao monólogo e à desconexão.

Malgrado a sua evidente sofisticação, e como qualquer estudo científico, (*Dis*) *connected Empires* encerra alguns problemas. Biedermann enreda-se porventura excessivamente no lado negro daquilo que estuda, ligando de forma recorrente a sua análise histórica a uma reflexão humanitária sobre séculos de colonialismo europeu e décadas de guerra civil no Sri Lanka. A forma como coloca o seu trabalho em diálogo com a problemática da história conectada também suscita dúvidas. Não é certo que a apreciação das virtualidades e limites desta se possa resumir ao binómio conexão/desconexão e, no limite, poder-se-á até questionar se este livro não continuaria a ser o mesmo se o seu autor tem dispensado o trocadilho do título. Mas o problema mais sério, a meu ver, consiste na infalibilidade com que o próprio argumento principal é desenvolvido e consubstanciado ao longo de mais de 200 páginas. No seu afã de proporcionar uma história em que a *agency* não se fique pelos europeus –uma história balanceada, feita de “partes iguais”, como defendeu Romain Bertrand há uma década<sup>14</sup>–, Zoltán Biedermann pinta um quadro em que os Portugueses funcionam como uma espécie de “barriga de aluguer” dos reis de Kotte e do seu programa político. É o que o autor vê em cada documento que cita. Sucede, todavia, que em muitos passos da presente obra as fontes parecem ser forçadas a dizer o que convém ao argumento que digam. Estamos perante um relógio excessivamente bem afinado, em que todas as peças do mecanismo concorrem para o mesmo fim, sem espaço para a contingência no processo histórico ou para as hesitações e contradições dos seus agentes.

As duas últimas obras deste conjunto de quatro são da pena de um mesmo autor: Bartolomé Yun Casalilla, professor da Universidade Pablo de Olavide e académico assaz prolixo, cuja produção científica remonta aos anos de 1980. Historiador da economia e da sociedade, Yun Casalilla tem vindo a alargar paulatinamente os ne-

<sup>12</sup> DuVal, K.: *The Native Ground. Indians and Colonists in the Heart of the Continent*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 2006.

<sup>13</sup> Tambiah, S. J.: “The Galactic Polity in Southeast Asia”, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 3:3 (2013), pp. 503–534.

<sup>14</sup> Bertrand, R.: *L'Histoire à parts égales. Récits d'une rencontre Orient-Occident (XVIe-XVIIe siècle)*, Paris, Le Seuil, 2011.

xos geográficos do seu trabalho e, mais do que isso, os campos de investigação que cultivava. As suas primeiras publicações situam-se no domínio da história de Espanha, sobretudo Castela, mas o império, e as articulações entre império e metrópole, não tardaram a dominar as suas preocupações, como bem ilustra a obra *Marte contra Minerva*<sup>15</sup>.

A produção de Yun Casalilla nas duas últimas décadas está bem representada nos dois livros que aqui se analisam. De um lado, o autor tem explorado a dimensão europeia da história de Espanha e da Península Ibérica, muito em redor da aplicação prática e defesa decidida que faz do conceito de história transnacional antes da existência de estados-nação propriamente ditos. Esta aguda consciência europeia reflete o longo e intenso vínculo de Yun Casalilla a uma das instituições académicas onde porventura se pensa e faz mais sentido pensar o assunto: o Instituto Universitário Europeu, em Florença. Foi também aí que começou a germinar o seu ainda inacabado projecto, mais orientado para a história social, acerca das elites da monarquia hispânica e das redes transfronteiriças da aristocracia europeia. De outro lado, o trabalho de investigação e supervisão de Yun Casalilla tem-se centrado no domínio do consumo e da cultura material, o que lhe permite entrelaçar a história económica, não apenas com a história social, como faz desde sempre, mas com uma história de pendor assumidamente cultural: uma história das coisas, das técnicas, e dos gostos, que o volume *Global Goods and the Spanish Empire*, editado em parceria com Bethany Aram, bem ilustra<sup>16</sup>. Finalmente, Yun Casalilla apostou no estudo dos impérios ibéricos na sua relação com a muito debatida questão da globalização, ou da primeira globalização.

As duas mais recentes obras de Yun Casalilla, que aqui se passam em revista, são densas e longas. O autor, porém, sabe escrever para os outros, não escreve para si próprio: é pedagógico e claro no raciocínio, mesmo quando os temas em presença são complexos. Como Biedermann, embora num outro plano, preocupa-se com a relação entre passado e presente. Ao contrário de Biedermann, foca-se nos inquéritos característicos das meganarrativas acerca dos impérios europeus e as suas economias: ascensões e quedas, aceleradores e bloqueadores, convergências e divergências. A linguagem e os conceitos são, evidentemente, os de um historiador económico: custos de proteção e custos de transação, dependência e crescimento, recursos e fiscalidade, monopólios e instituições informais. Em termos de teoria e de método, a “minha” história global não se confunde tanto com a história da globalização como a de Yun Casalilla, do mesmo modo que “minha” história conectada está mais afastada da história cruzada do que a sua.

*Historia global, historia transnacional, y historia de los imperios* consiste numa colecção de artigos do autor publicados anteriormente, na sua maioria, em língua inglesa. Após a introdução e de um oportuno capítulo sobre a relação entre o local e o global, o livro desenvolve-se em três partes. A primeira ocupa-se da escrita da história da Europa numa perspectiva global e transnacional. Através de vários capítulos que versam as questões do consumo e dos mercados, Yun Casalilla advoga a necessidade de olhar Europa moderna a partir de fora: a mesma entende-se melhor quando estudada nas suas ligações com o império, o Atlântico e a América. Tal pro-

<sup>15</sup> Yun Casalilla, B.: *Marte contra Minerva. El precio del imperio español, c. 1450-1600*, Barcelona, Crítica, 2004.

<sup>16</sup> Yun Casalilla, B. e Aram, B. (eds.): *Global Goods and the Spanish Empire, 1492-1824. Circulation, Resistance and Diversity*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2014.

posta de descentramento estende-se à segunda parte do livro, que trata da relação económica entre a metrópole e a América, entre o império espanhol e a monarquia composta dos Habsburgo. A parte final da obra compreende três trabalhos reunidos sob o título de “impérios e globalização” e anuncia já o outro livro que aqui se discute: *Los imperios ibéricos y la globalización de Europa*. Este livro foi primeiramente publicado em inglês (Palgrave Macmillan, 2019), numa versão mais longa intitulada *Iberian World Empires and the Globalization of Europe, 1415-1668*, e dele saiu entretanto uma tradução portuguesa (Temas e Debates, 2021) a partir da sua versão castelhana.

Numa obra e noutra, mas mais acentuadamente na segunda, porquanto foi escrita de raiz e denota maior unidade, Yun Casalilla refuta uma visão, ainda dominante, que liga a controversa questão da “ascensão do Ocidente” ao discurso da modernização. De acordo com esta narrativa, a chave do sucesso deve procurar-se no norte da Europa e nos seus impérios mercantis, dado que o sul imobilista, com os seus impérios anquilosados, não era compatível com o verdadeiro crescimento económico. Argumenta o autor que, impulsionando e liderando a “globalização primitiva”, os impérios ibéricos dos séculos XV-XVII e as monarquias compostas que os geraram apontaram o caminho à Europa mais tardia, a do capitalismo industrial. Tê-lo-ão feito nos termos e condições do seu próprio tempo e não, evidentemente, segundo os padrões dos séculos XIX e XX. Quem, entre os mais eminentes historiadores europeus, louvou *Los imperios ibéricos y la globalización de Europa* na contracapa do próprio livro, celebrou justamente o fim da “lenda negra”. Escreve Patrick O’Brien que esta obra “rescata la historia (...) de Iberia del desdén (...) hacia las aportaciones del sur de Europa”, ao passo que John Elliott considera que a mesma “cuestiona el estereotipo de la España temprana Edad Moderna como una sociedad incapaz de reaccionar ante las demandas de un mundo cada vez más globalizado”.

Pergunto-me se devemos continuar a preocupar-nos de forma tão crucial com a “Rise of the West” e com o lugar que nela ocuparam os vários protagonistas europeus, como se de uma corrida com vencedores e derrotados se tratasse. Seja como for, a tese de Yun Casalilla radica numa visão assaz interessante, que consiste na existência de uma relação intrínseca e mutuamente benéfica entre estado e império em contexto ibérico: em Espanha, como em Portugal, um necessitou do outro para crescer. E assim chegámos a 1580, quando o modelo da monarquia compósita de Carlos V atinge o seu expoente máximo e requer um império igualmente compósito para se perpetuar. O equilíbrio rompe-se simbolicamente em 1668, com a independência de Portugal, mas nessa altura já eram sólidas as “bases de un nuevo absolutismo cuyo eje no sería una monarquía compuesta dispersa con un apéndice imperial, sino un estado protonacional con sus colonias” (p. 325). O modelo de sucesso atingira a sua exaustão.

Resta obviamente saber como é que os territórios de investigação explorados nestes quatro livros, que são também domínios sensíveis de ensino e difusão, vão evoluir nos próximos anos. A história global –comparada e/ou conectada– do mundo ibérico moderno não se tem restringido aos modelos administrativos e imperiais, à política e à diplomacia, à economia e à economia política, como esta amostra substantiva poderá fazer crer. Ainda assim, há que insistir na importância de uma reflexão ibérica integrada sobre uma grelha temática que se define no cruzamento da história política, social e cultural. Uma história global e entretecida da diferença e da exclu-



são que vá de Lima a Macau, na esteira do muito que tem feito Stuart Schwartz<sup>17</sup>. Uma história dos impérios ibéricos porventura menos dependente da problemática do estado, como sugere Giuseppe Marcocci<sup>18</sup>, mais interessada nas pessoas, e nas pessoas “baixas”. Uma história menos europeia, mais equilibrada, como a prática Biedermann e tantos outros. Finalmente, e este é um passo que nenhuma das quatro obras verdadeiramente deu (porventura porque não é ainda o tempo de ser dado), uma história menos “queixosa”. Todas as obras em análise se queixam do facto do mundo ibérico moderno ser uma espécie de “patito feo” na alta roda da historiografia mundial<sup>19</sup>. Seguramente que sim, mas é-o muito menos do que já foi. E quanto melhor se pensar, publicar e ensinar esse mundo, sem a obsessão de se lembrar a cada instante que é o “patito feo” quem fala, menos o será.

## Bibliografia

- Arbel, B.: “Venice’s Maritime Empire in the Early Modern Period”, in Dursteler, E. R. (ed.): *A Companion to Venetian History, 1400-1797*, Leiden e Boston, Brill, 2013, pp. 125-253.
- Bertrand, R.: *L’Histoire à parts égales. Récits d’une rencontre Orient-Occident (XVI<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècle)*, Paris, Le Seuil, 2011.
- Biedermann, Z.: *The Portuguese in Sri Lanka and South India. Studies in the History of Empire, Diplomacy and Trade, 1500-1650*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2014.
- Biedermann, Z. e Strathern, A. (eds.): *Sri Lanka at the Crossroads of History*, Londres, University College London, 2017.
- Biedermann, Z., Gerritsen, A., e Riello, G. (eds.): *Global Gifts. The Material Culture of Diplomacy in Early Modern Eurasia*, Cambridge, Cambridge University Press, 2018.
- Bouza, F., Cardim, P., e Feros, A. (eds.): *The Iberian World, 1450-1820*, Londres, Routledge, 2019.
- Braun, H. E., e Vollendorf, L. (eds.): *Theorising the Ibero-American Atlantic*, Leiden e Boston, Brill, 2013.
- Brendecke, A.: *Imperio e información. Funciones del saber en el dominio colonial español*, Madrid e Frankfurt am Main, Iberoamericana e Vervuert, 2012.
- Cañizares-Esguerra, J.: *Puritan Conquistadors. Iberianizing the Atlantic, 1550-1700*, Stanford, Stanford University Press, 2007.
- “Iberian Science in the Renaissance: Ignored How Much Longer?”, *Perspectives on Science*, 12:1 (Mar. 2004), pp. 86-124.
- Cardim, P., Herzog, T., Ruiz Ibáñez, J. J., e Sabatini, G.: (eds.): *Polycentric Monarchies. How did Early Modern Spain and Portugal Achieve and Maintain a Global Hegemony?*, Eastbourne, Sussex Academic Press, 2012.
- Darwin, J.: *After Tamerlane. The Rise and Fall of Global Empires, 1400-2000*, Londres, Penguin, 2007.

<sup>17</sup> Como bem ilustra a sua mais recente obra, *Blood and Boundaries. The Limits of Religious and Racial Exclusion in Early Modern Latin America*, Waltham, Mass., Brandeis University Press, 2020.

<sup>18</sup> Marcocci, G.: “Too Much to Rule: States and Empires Across the Early Modern World”, *Journal of Early Modern History* 20 (2016), pp. 511-525.

<sup>19</sup> Jorge Cañizares-Esguerra já o havia feito, de forma bem incisiva, a propósito da exclusão da ciência ibérica da narrativa anglo-americana sobre a Revolução Científica. Ver o seu “Iberian Science in the Renaissance: Ignored How Much Longer?”, *Perspectives on Science*, 12:1 (Mar. 2004), pp. 86-124.

- DuVal, K.: *The Native Ground. Indians and Colonists in the Heart of the Continent*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 2006.
- Gaudin, G.: *El imperio de papel de Juan Díez de la Calle. Pensar y gobernar el Nuevo Mundo em el siglo XVII*, Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 2017.
- Herzog, T.: *Frontiers of Possession. Spain and Portugal in Europe and the Americas*, Cambridge Mass., Harvard University Press, 2015.
- Marcocci, G.: “Too Much to Rule: States and Empires Across the Early Modern World”, *Journal of Early Modern History* 20 (2016), pp. 511–525.
- Penalva, E. e Lourenço, M. (eds.): *Fontes para a história de Macau no séc. XVII*, Lisboa, CCCM, 2009.
- Schwartz, S. B.: *Blood and Boundaries. The Limits of Religious and Racial Exclusion in Early Modern Latin America*, Waltham, Mass., Brandeis University Press, 2020.
- Subrahmanyam, S.: “Holding the World in Balance: The Connected Histories of the Iberian Empires, 1500–1640”, *American Historical Review* 112:5 (2007), pp. 1359–1385.
- Tambiah, S. J.: “The Galactic Polity in Southeast Asia”, *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 3:3 (2013), pp. 503–534.
- Valladares, R.: *“Por toda la tierra”. España y Portugal: globalización y ruptura (1580–1700)*, Lisboa, CHAM, 2016.
- Yun Casalilla, B.: *Marte contra Minerva. El precio del imperio español, c. 1450-1600*, Barcelona, Crítica, 2004.
- Yun Casalilla, B. e Aram, B. (eds.): *Global Goods and the Spanish Empire, 1492-1824. Circulation, Resistance and Diversity*, Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2014.